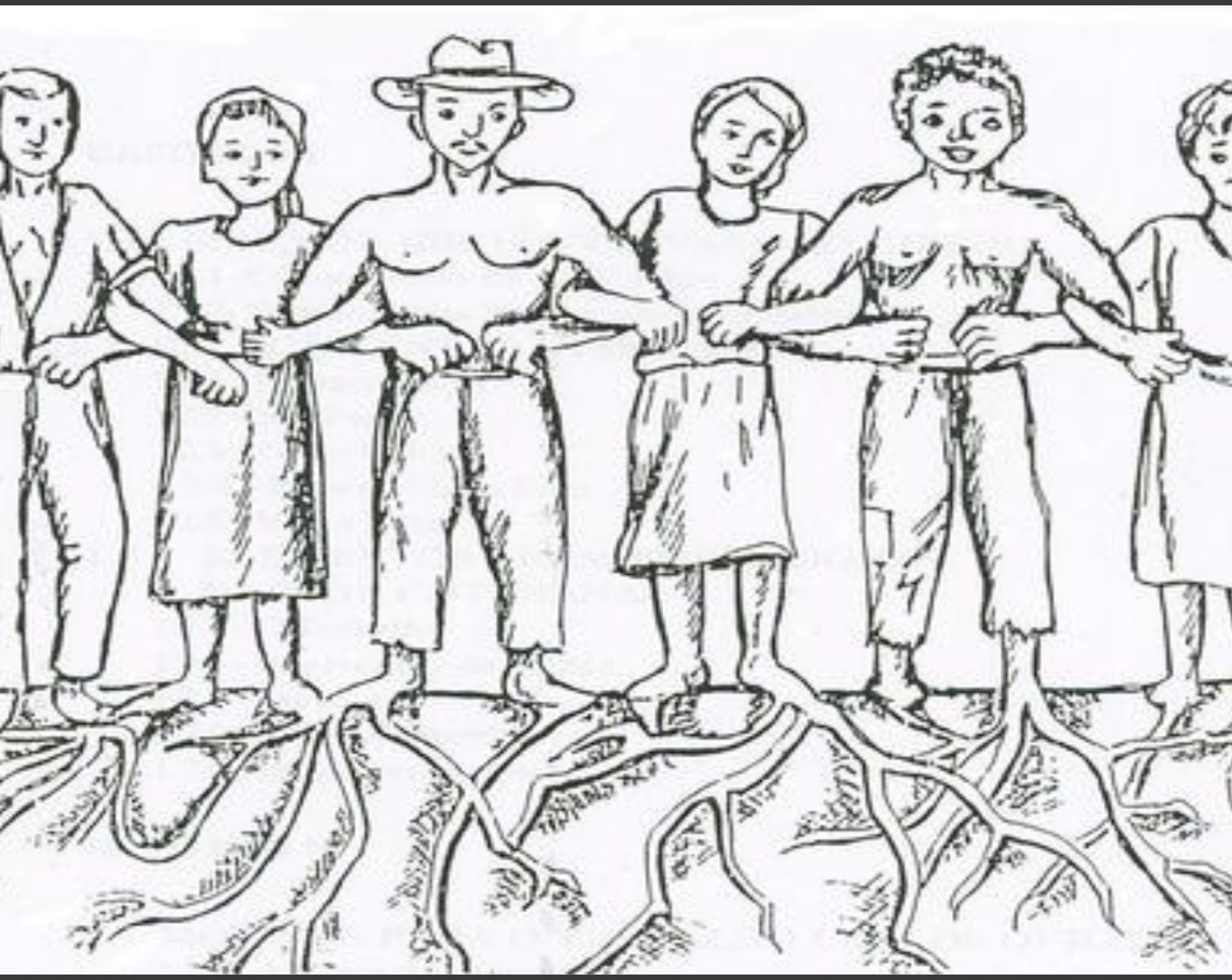
MANUAL DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Saberes e fazeres do Quilombo do Jacaré

MARIVANA VIEIRA DA SILVA
JAIRO CARVALHO DO NASCIMENTO



PPGELS UNEB/CAMPUS VI CAETITÉ-BA 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Silva, Marivana Vieira, 1987-.
S586m Manual didático de história [livro eletrônico] : saberes e fazeres do Quilombo do Jacaré / Marivana Vieira Silva. – Paratinga: Ed. do Autor, 2021.

Formato: HTML
Requisitos de sistema: Web browser
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-XXXXX-XX-X

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Quilombo Jacaré – Usos e costumes. I. Título.

CDD 370.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Apresentação

É com grande satisfação que disponibilizo para a escola do Quilombo Lagoa do Jacaré, Poção de Santo Antônio, este manual paradidático. Um material de apoio pedagógico produzido por mim, como produto final do Curso de Mestrado Profissional em Ensino Linguagens e Sociedade (PPGELS/UNEB), sob a orientação do professor Dr. Jairo Carvalho do Nascimento. Destina-se a apoiar educadores e estudantes para desenvolver um processo de aprendizagem escolar atrelado aos saberes e fazeres do quilombo, ressignificando o currículo tradicional.

O Manual foi produzido como material que fornece informações acerca da comunidade e poderá auxiliar alunos do Ensino Fundamental II a conhecer suas origens e as temáticas referentes ao Quilombo Lagoa do Jacaré. Sua elaboração partiu da análise crítica sobre quais seriam essas temáticas, que pudessem corroborar com as aprendizagens significativas para os estudantes, e quais as competências e habilidades a serem desenvolvidas por eles ao ser apresentados a esse material. Desse modo, o manual foi construído com base nos organizadores curriculares, que promovem uma aproximação entre a experiência docente em sala de aula e os objetos de conhecimentos que compõem o Documento Curricular Referencial da Bahia da Educação Infantil e Ensino Fundamental (DCRB), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A partir disso, a organização didática foi feita sob a forma de temáticas associadas a sessões de reflexão. Essa estrutura visa organizar e acompanhar o processo de construção da aprendizagem pelo estudante, propondo interações e conferindo autonomia aos diferentes sujeitos. Cada temática tem objetivos específicos e sua abordagem foi pensada especialmente para o público estudantil do Fundamental II, apresentando uma linguagem que busca instigar o estudante a se reconhecer dentro da escola, tornando o aprendizado mais contextualizado e significativo.

Dessa maneira, esperamos que esse material seja utilizado pelos estudantes para conhecer mais sobre sua história e trajetória quilombola, seus antepassados e construir novos conhecimentos, como forma de conciliar os conhecimentos sistematizados e os saberes do quilombo. Desse modo, convidamos todos os educadores e estudantes da escola do Quilombo Lagoa do Jacaré para viajarem sob a memória coletiva do povo quilombola residente nesse território.

Destarte, ao apresentar os saberes e fazeres do quilombo, propomos um caminho identitário com sentimento de pertença, para um mergulho no tempo, com os traços e as características de resgate dos costumes e cultura de um povo. Trabalhar os saberes e fazeres do quilombo significa superar a fragmentação do conhecimento metódico, engessado, visa compreender os conhecimentos locais e dar visibilidade a história dos sujeitos inseridos nessa realidade. Saberes tradicionais como

instrumento metodológico que permitem ampliar o conhecimento sobre história local e os modos de subsistência, por meio da natureza, de forma interdisciplinar, com ênfase nas relações sociais e no protagonismo dos diferentes sujeitos com o meio em que vivem, através de sugestões de atividades pedagógicas.

Este manual propõe sugestões de atividades pautada na memória coletiva, no respeito às diferenças, tendo como compromisso sair do exercício retórico para colocar as demandas e os saberes tradicionais junto aos conhecimentos sistematizados e, com isso, será plantado aprendizagens significativas para colher novos saberes que promova novos conhecimentos. Portanto, vamos juntos trilhar os caminhos de possibilidades, fortalecer a luta diante dos inúmeros desafios e conhecer nossas raízes e nossa história.

Então, este manual é indicado para trabalhar o componente curricular História e seus objetivos são: a) Entender onde estamos situados no mundo; b) Conhecer o processo histórico que levou ao surgimento da comunidade; c) Compreender os saberes e fazeres dos Quilombolas; d) Avaliar os efeitos sofridos no espaço Quilombola, através do processo de militância. Os temas que geram esses objetivos são: História, Memória coletiva e Identidade. Competências que podem ser desenvolvidas com essa temática de acordo com a Base Nacional Comum Curricular referem a: a) Apropriar-se dos conhecimentos acerca da origem da comunidade quilombola a partir da memória coletiva; b) Valorizar os saberes e fazeres do quilombo; c) Valorizar a memória, a oralidade e os conhecimentos ancestrais. Nessa perspectiva, as Habilidades a serem desenvolvidas serão: a) Debater sobre a importância dos saberes tradicionais para a perpetuação dos costumes de um povo; b) Apresentar os conhecimentos tradicionais, para promover novos conhecimentos.

Desejamos uma boa leitura, um bom aprendizado!

SUMÁRIO

1. TERRITÓRIO DE IDENTIDADE ..... p. 6

1.1. Ponto de partida ..... p. 6
1.2. Mergulhando no saber ..... p. 6
1.3. Para saber mais ..... p. 8
1.4. Agora é sua vez ..... p. 10
1.5. Dicas culturais ..... p. 11

2. AQUILOMBANDO ..... p. 12

2.1 Ponto de partida ..... p. 12
2.2. Mergulhando na nossa história ..... p. 12
2.3. Para saber mais ..... p. 14
2.4. Agora é sua vez ..... p. 17
2.5. Dicas culturais ..... p. 18

3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA LAGOA DO JACARÉ ..... p. 19

3.1. Ponto de partida ..... p. 19
3.2. Mergulhando na cultura local ..... p. 19
3.3. Para saber mais ..... p. 22
3.4. Agora é sua vez ..... p. 23
3.5. Dicas culturais ..... p. 23

4. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO QUILOMBO LAGOA DO JACARÉ ..... p. 24

4.1. Ponto de partida ..... p. 24
4.2. Organizando os trabalhos ..... p. 24
4.3. Para saber mais ..... p. 28
4.4. Agora é sua vez ..... p. 28
4.5. Dicas culturais ..... p. 29

5. SABERES TRADICIONAIS DO QUILOMBO LAGOA DO JACARÉ ..... p. 30

5.1. Ponto de partida ..... p. 30
5.2. Realizando nosso último mergulho ..... p. 30
5.3. Para saber mais ..... p. 34
5.4. Agora é sua vez ..... p. 34
5.5. Chegamos ao final da nossa viagem ..... p. 35
5.6. Dicas culturais ..... p. 35

GLOSSÁRIO ..... p. 37

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... p. 38

1. TERRITÓRIO DE IDENTIDADE

1.1. Ponto de partida!

Que bom te ter aqui! Vamos embarcar juntos em uma viagem ao passado, para conhecermos mais sobre a história da comunidade Quilombola Lagoa do Jacaré. Nessa viagem, vamos explorar nosso imaginário, revivendo história que já ocorreram e contextualizando-as através do que temos e vemos hoje. Bom, de uma coisa tenho certeza: você, caro estudante, será protagonista nesse nosso passeio, através das histórias já vivenciadas ou contadas por algum familiar, que servirão de base para compreendermos melhor todo o processo de criação da nossa comunidade. Mas antes de tudo, vamos entender onde estamos? E o que significa Território de identidade? Durante esse percurso, estarei o tempo todo aqui com você. Combinado? Ah! No final, você poderá dizer o que aprendeu e compartilhar com os colegas sua descoberta. Vamos lá?

1.2. "Mergulhando no saber"

Para 'mergulhar" nessa história, vamos observar essa imagem do mapa do nosso território.

Território de Identidade Velho Chico

Território de Identidade do Velho Chico, Bahia.

Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Territorio-de-Identidade-do-Velho-Chico-Bahia_fig1_281669844

Agora que você já observou o mapa, existe algo que você percebeu de interessante nesse mapa? Você conseguiu identificar o nome da nossa cidade no mapa? Você sabia que nosso estado é dividido em territórios? Você já tinha ouvido falar no território Velho Chico? E porque será que nosso território tem esse nome? Para começarmos a explorar mais o nosso território, gostaria de te apresentar uma história, contada pelo poeta, educador e compositor Cleber Eduão, que faz uma apresentação do nosso território.

Território Velho Chico em Versos

Autor: Cléber Eduão

Foi das margens do rio Opará / Entre secas e algum chuvisco "Nasceu" Brotas, Muquém do São Francisco "Brotou" / Barra, Brejinhos, Morpará, Serra do Ramalho tem seu lugar, Malhada e o Riacho de Santana, Paratinga, Matina, Ibotirama, Feira da Mata e a Igaporã, Bom Jesus - estrela da manhã, Sítio do Mato, Carinhanha. Nas entranhas do Velho Rio Percorre o suor do ribeirinho / E essas águas lavam com carinho / O vapor que aportou sem assobio / Deságua no mar com todo brio / Vai levando a esperança "bêradeira"/ E as linhas que tecem a guerreira, Mulher que nasceu da força bruta / São feitas com fios de amor e luta / Bordadas pelas mãos de uma parteira.

Barra é bem perto do Piauí / E traz nos brejos a cor do sertão. Os folguedos belos do São João Misturam-se ao cozido de cari. É em Barra que o Chico sempre ri / Pois abraça o Grande abençoado. Os palácios e igrejas do passado / Referências de encantada arquitetura, O artesanato é o brilho da cultura / Que veste os feirantes no mercado.

Muquém é de águas franciscanas, Lugar de bons solos e rebanhos. Quem planta sonhos colhe ganhos. E a festa? Se dá numa semana. Das palhas do milho de Santana. As mulheres produzem sustentos. Tem a aldeia Kiriri; assentamentos Quilombos com sambas e reisados. Tudo isso se mistura aos caldos Das culturas – "torés" de sentimentos.

A harmonia da viola é a cura / Que transborda no rio de **Ibotirama.** E por essas e outras tem a fama / De "cidade-canção", céu de candura. Recanto de amor à literatura. Rebentos de poesias, contos, prosas. Os Reizinhos, Curutas e Barbosas Que diariamente surgem no cais, Embelezam com magia os festivais Qual jardim se enfeita com as rosas.

A pequena montanha de **Morpará /** É palco que se vê de toda parte, É cenário das Sementes da Arte Singelas belezas do lugar. A cidade é banhada pelo "rio-mar", São Francisco de remansos, coroas, Das rimas, dos rumos e das canoas, Da pesca, dos cantos da lavadeira Das danças, dos sambas, da capoeira Do São Pedro: festa que não desentoa.

Por cima da Pedra do Urubu / Dá pra ver os riachos e paisagens, Quedas d'águas que parecem miragens, Na seca reina o mandacaru. Na chuva florescem pés-de-umbu / E enverdece a porteira da chapada. **Brotas** das rezadeiras encantadas / Do divino, das novenas e dos cantos / De Zequinha Barreto e Milton Santos / Das missas, procissões e alvoradas. Berço de cachoeiras e caminhos, De fundos de pastos e campestres, De sítios com desenhos rupestres, Com histórias de garimpos e espinhos.

O município de **Oliveira dos Brejinhos** Orgulha-se dos seus poetas e quintais, Dos festejos dos grupos tradicionais, Dos caprinos - "vivedores" da caatinga, Da água tão docinha da moringa, Da arte em madeira ou minerais.

Paratinga em mês do carnaval / É período de desfile e tradição, Transforma o espetáculo de São João / Em um imenso celeiro cultural. Tem filarmônica, mercado municipal, Ruínas de uma igreja abandonada, Rodas de São Gonçalo, marujada, A boa música do Zabumba Alecrim; A sonhada moqueca de surubim; A cachaça artesanal e a cavalhada.

Banhado por dois rios iluminados, **Sitio do Mato** é terra de boa gente, Abraça o São Francisco e o Corrente, Com muitos pescadores e assentados. "Narradores de Javé" foi bem filmado, Com atuação de atores da Gameleira... Procissões na semana da Padroeira, São costumes que o povo todo crê. Os dias do Candeeiro e do Saber, Referendam a cantiga "bêradeira"

Santuário da fé e romarias, Brilha forte **Bom Jesus da Lapa**, E de cima da Gruta vê-se um mapa Multicor, "samba-dores" e alegrias Quilombos de lendas e cantorias, De versos de uns "nobres barranqueiros". Da Ilha do Medo – o canoeiro Rema nas maretas da inspiração. Nas barrancas do "porto solidão" Florescem as canções do "violeiro".

O arraial de **Riacho de Santana** Foi aldeia dos índios Canindés, Os quais deixaram a cor, a fé, E "multiculturas superbacanas". O cuidado é virtude de quem ama O Boqueirão, a "Barragem do Giral", A cachoeira que deságua do "Perau", As quermesses, a religiosidade, A semana de cultura da cidade E os bovinos pastando no quintal.

Santo Antônio, São Pedro e São João São santos que "reinam" em **Igaporã.** Os ternos de reis de Guarantã Fazem pulsar bem forte o coração. Em Gurunga e Sambaíba, a superstição Mistura-se aos contos e aos mitos. O teatro amador é tão bonito. O rio Barbalho é quase um "mar". Há figuras tão belas feito Osmar, Benés, Gandaias e Expeditos.

Dizem que o nascimento de **Matina** Foi no raio de um "velho Tamarindo", Que "Caído" se fez, mas é tão lindo Patrimônio histórico que ensina. João Barrada - estrela que ilumina, Repentista certeiro e criativo. Eliézio é um poeta bem cativo. As quadrilhas juninas alegram o povo E a Pedra do Tapuia e Sítio Novo Fazem o passado sempre vivo.

O município de **Serra do Ramalho** É como um grande assentamento. E das agrovilas cultiva os alimentos: Mandioca, feijão ou milho-alho. Tem a força da raiz do carvalho, A poesia de Haurélio bem rimada, O gado, o vaqueiro, a vaquejada, A banda de pífano, o Pankarú - Índio que não deixa o corpo nu Mas mantém a memória preservada.

Antiga casa de índios caiapó, Nas margens do rio Carinhanha, Uma cidade pequena e de tamanha Riqueza cultural não se fez só, Cresceu sem as amarras ou cipós, Adoçada ao sabor da rapadura, Temperada pela mandiocultura E com uma pinga que não maltrata. Da Boca da Gruta **Feira da Mata** Mostra ao Velho Chico sua cultura.

1.3. Para saber mais

O nosso Território Velho Chico é composto por 16 municípios, sendo eles: Barra, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Carinhanha, Feira da Mata, Ibotirama, Igaporã, Malhada, Matina, Morpará, Muquém do São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho e Sítio do Mato. Território de Identidade é a unidade de planejamento de políticas públicas do Estado da Bahia.

O Decreto 12.354, de agosto de 2010, que institui o Programa Territórios de Identidade, estabelece Território de Identidade como agrupamento identitário municipal, formado de acordo com critérios sociais, culturais, econômicos e geográficos, reconhecido pela sua população como espaço historicamente construído ao qual pertence, com identidade que amplia as possibilidades de coesão social e territorial. O nome do território leva o apelido do rio São Francisco, que é um dos maiores rios do País e que mata a sede e a fome de muita gente, principalmente dessa região, em que o rio é visto como um pai generoso pelos ribeirinhos.

Segundo a Secretaria de Planejamento do Governo do Estado da Bahia (SEPLAN), a área do nosso estado foi dividida em 27 Territórios de Identidade, com isso, a ideia mais levada em conta foi o sentimento de pertencimento. E como o Velho Chico sempre fora o protagonista da nossa região nada mais que justo em colocar o nome dele no nome do território, não é mesmo?

Foto aérea do Velho Chico em Paratinga

Fonte/Crédito: Foto Junior Kortesia. Ano: 2019.

Foto do Velho Chico - Quilombo do Barro

Fonte/Crédito: Foto Junior Kortesia. Ano: 2019.

De acordo com a Fundação Palmares, o Território Velho Chico tem cerca de 45 comunidades quilombolas, dessas, três se encontra no Município de Paratinga, que são o Quilombo de Poção de Santo Antônio - Lagoa do Jacaré; Quilombo do Barro e o Quilombo do Tomba, que é um quilombo urbano. Esses três quilombos vêm lutando para manter suas tradições e a subsistência da sua população, por meio da organização e acesso ao conhecimento dos seus direitos e no intercâmbio com outras comunidades quilombolas da região.

A economia ou subsistência dessas comunidades, estão pautadas na agricultura familiar, na pesca artesanal e em projetos governamentais. Essas comunidades, na sua maioria, estão buscando o reconhecimento de sua identidade que fora invisibilizada ou marginalizada ao longo tempo. Com isso, por passar muito tempo com seus saberes e fazeres inviabilizados, os jovens dessas comunidades não teve uma base para se sentirem pertencentes de uma sociedade e por muito tempo negaram suas origens, hoje o que busca nessas comunidades são os regates desses saberes.

Quilombo do Barro

Quilombo do Tomba

Fonte/Crédito: Foto Paratinga sucesso. Ano: 2020.

Fonte/Crédito: Foto Paratinga sucesso. Ano: 2020.

1.4. Agora é sua vez

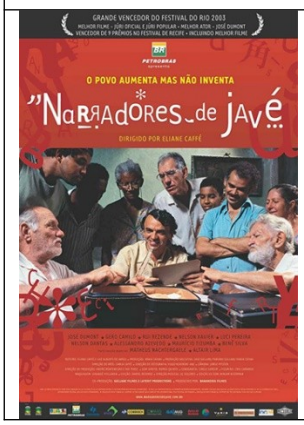
Ufa! Foi um mergulho profundo, que tal colocar a teoria do que já vimos em prática? Vamos responder as questões abaixo.

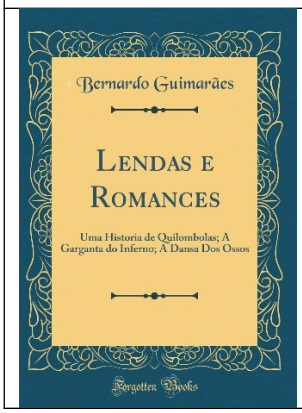
1- Analisando o mapa do Território Velho Chico, o que você consegue identificar?
2- Quais semelhanças você percebe entre o mapa e o poema?
3- Quais fatores o poeta usa para apresentar as cidades?
4- Pesquise quais foram os fatores que o poeta usou para identificar a cidade de Paratinga.

Poxa, a história do Território Velho Chico é muito rica! Tenho certeza de que você descobriu muitas coisas novas e está associando todo esse aprendizado ao conhecimento que você já tem. Mas espera aí, mas Paratinga? Como surgiu essa cidade? Pesquise imagens antigas da nossa cidade, e compare com imagens de hoje.

Agora, que tal fazermos uma exposição de fotos e/ou desenhos com registros de nossa cidade? Vamos lá? Podem ser fotos ou desenhos de pessoas, representações das roupas usadas, das casas e de outras atividades ligadas. Não se esqueça de colocar legendas nas imagens com descrição da foto, data em que foi tirada e, se possível, nome do fotógrafo.

1.5. Dicas culturais

FILME	
	*Narradores de Javé*, de Eliane Caffé (Brasil, 2004, 100 min.) Sinopse: "A notícia da construção de uma usina hidroelétrica no Vale do Javé preocupa os moradores de um vilarejo, que ficará sob as águas da represa. A população decide escrever um documento para registrar os grandes acontecimentos de sua história. O problema é que quase todos os moradores do povoado são analfabetos. O único que sabe escrever é Antônio Biá, o carteiro. Apesar de não gozar de boa imagem junto à população, por ter forjado algumas cartas, o carteiro é escolhido para a tarefa. Mas ele tem dificuldades para realizá-la, pois as pessoas não conseguem chegar a um acordo sobre quais versões correspondem à verdadeira história do lugar" (Site Cinemateca Brasileira).

LIVRO	
	*Lendas e romances: uma história de quilombolas; A garganta do inferno; A dansa dos ossos*, livro de Bernardo Guimarães (Editora Forgotten Books, 2018). Contos escritos pelo escritor e poeta brasileiro Bernardo Guimarães (1825-1884).

2. AQUILOMBANDO

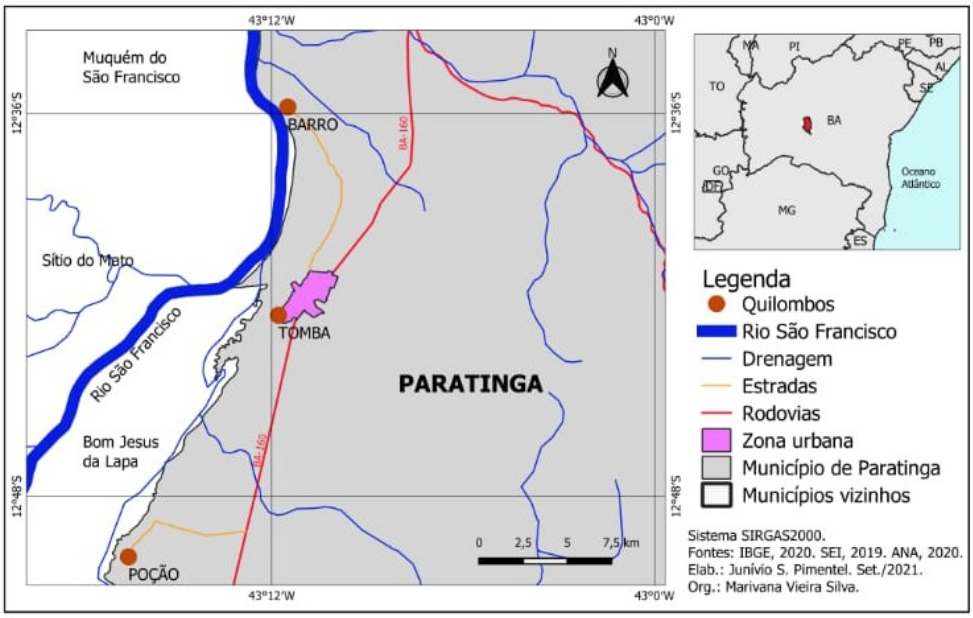
2.1. Ponto de partida

Olá estudante! Tudo bem? Vamos continuar a nossa caminhada na jornada do conhecimento? Para isso, temos novos desafios, dessa vez vamos conhecer um pouco sobre a história da comunidade Quilombola Poção de Santo Antônio e seus saberes tradicionais! Preparado?

Na nossa viagem anterior, lembra que abordamos o Território Velho Chico, sobre as cidades que compõe o território e um pouco da história de nossa cidade? Hoje vamos conhecer um pouco sobre nosso Quilombo, mas não pelo olhar preconceituoso. E por falar nisso:

1- Você já ouviu falar sobre a história do nosso Quilombo?
2- E sobre a Lagoa do Jacaré, e o costume das pessoas abarrancar na época da pescaria?

Quilombos de Paratinga



Fonte: Mapa produzido pelo Prof. Junívio Pimentel (UNEB/Campus VI).

2.2. Mergulhando na nossa história

O texto a seguir nos apresenta um pouco sobre o surgimento da história da nossa comunidade, pelo olhar do morador Marivaldo. Leia, atentamente, reflita sobre os dois questionamentos em destaque e anote o que você achou mais relevante.

Gravura do Rio São Francisco e povoamento

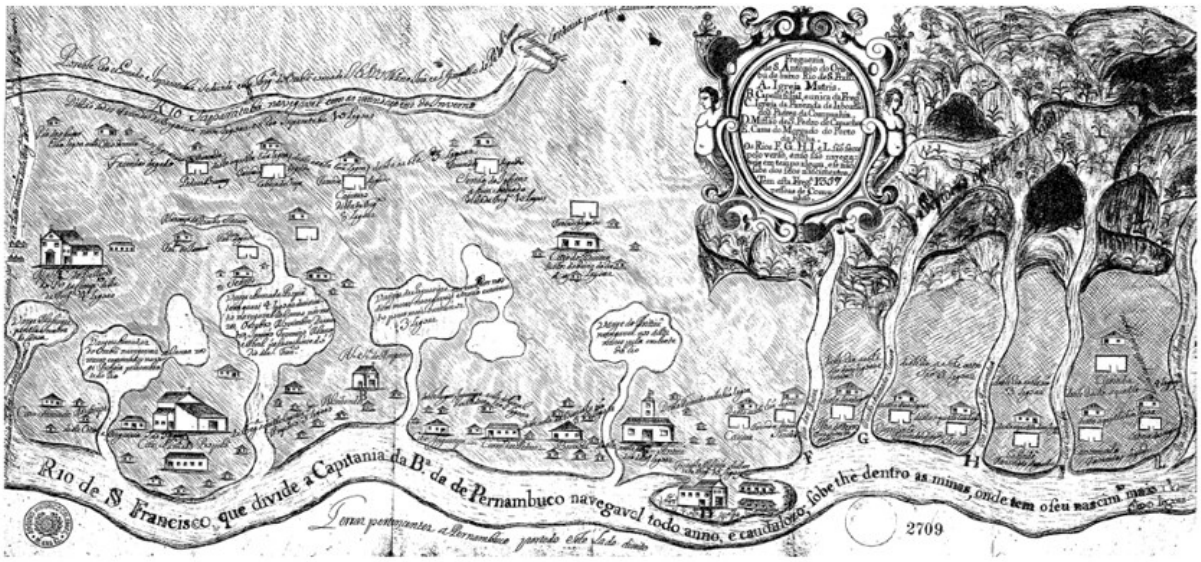


Figura 4 – Planta da freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo do Rio São Francisco, no Arcebispado da Bahia. Imagem disponibilizada pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco.

Fonte: ARRAES, Esdras. Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco nas capitanias da Bahia e Pernambuco. *Anais do Museu Paulista*. v. 21. n.2. Jul.- Dez. 2013.

“Proseando com a oralidade do Quilombo Lagoa do Jacaré”

O processo de formação da comunidade, iniciou com a família Fernandes que aqui chegou refugiada não se sabe por que motivo. Eles viviam na fazenda Santo Antônio, cujo dono morava em Salvador e pertencia a família Guedes de Brito. De acordo com registros oficiais, Antônio Guedes de Brito foi um pecuarista e latifundiário que recebeu sesmarias em várias regiões do oeste baiano, como recompensa aos seus feitos para o governo imperial. Esta região, compreendida por municípios como Paratinga, e que se tornou o segundo maior latifúndio do Brasil-colônia, ainda era ocupada por nativos. Guedes de Brito ficou conhecido pelo desbravamento. Foi também reconhecido pela extinção de grande parte da população nativa, utilizando armas. Nesse cenário, os indígenas restantes foram escravizados. Além disso, os Guedes de Brito possuíam dez fazendas de gado na região, inclusive a de Riacho dos Porcos que é essa do lado daqui do Poção. Visitava a fazenda uma vez por ano e permitiu que eles ficassem morando em uma casa de palha, e não permitiu que eles fizessem outro tipo de casa, com outros materiais.

Com o passar do tempo a família desses moradores se ampliou, estabilizando-se na fazenda. O tempo passou e, em meados de 1912, já estava em três famílias; e o fazendeiro, por sua vez, fez uma proposta para que eles comprassem a fazenda, uma vez que está se encontrava falida. Assim que conseguiram o dinheiro, eles foram se encontrar com o dono da fazenda na cidade de Jacobina. As famílias foram a cavalos até lá, sendo elas Fernandes, Dourado e Gonçalves e comprou a fazenda. Esses sobrenomes continuam na comunidade até os dias atuais, demonstrando assim a

veracidade desses fatos, a ligação com esse passado, com a história. Muitos anos depois, o fazendeiro vizinho, cujo nome é Borges, possuía maior poder aquisitivo, invadiu as terras das famílias por causa da renda da pesca, pois a Lagoa do Jacaré estava produzindo muito peixe e as famílias vendiam para Feira de Santana e Salvador. O comprador do peixe era a família Moraes, que comprava e distribuía nessas duas cidades.

Frente a essa situação, as famílias foram buscar seus direitos na justiça e perduraram muitos anos com essa causa. Foi um período de lutas constantes entre as famílias da fazenda Santo Antônio e os empregados da fazenda Borges, que aconteceu em meados do Século XVX. O Juiz, Dr. Anísio Borges, que, por sinal, era um dos donos da fazenda, julgou o processo e deu causa ganha para eles mesmos. E após a sentença, as famílias ficaram somente com a área onde estavam construídas suas casas. Em 1988 a fazenda foi desapropriada e entregue aos próprios donos, mas a terra não ficou só para as famílias residentes na comunidade, foi dada para outras famílias oriunda de outras localidades. No início, o nome da comunidade era Santo Antônio porque era o nome da primeira fazenda. No entanto, com o passar do tempo, esse nome foi modificado, passando a se chamar comunidade Poção de Santo Antônio, devido à tradição da localidade de tirarem água de um poço grande, o “Poção Grande”.

2.3. Para saber mais

Foto da Lagoa do Jacaré

Fonte/Crédito: Foto Queila Santos. Ano 2020.

A comunidade Quilombola Lagoa do Jacaré é composta por descendentes de trabalhadores do sistema escravista e é rica em tradições advindas dos seus antepassados, como o reisado de zabumba que, todo ano, os moradores fazem esse ritual, e que se caracteriza por passar em cada casa dos moradores com cantigas e sambas; o candomblé, em que os moradores estão sempre fazendo culto aos orixás; e as rodas de São Gonçalo, que os moradores passam a noite dançando em volta do santo.

É importante salientar, também, que a comunidade Quilombola passou por uma mudança de organização significativa ao longo dos anos, mas especificamente na década de 2000 pra cá, uma vez que todo o sustento dos remanescentes era retirado da pesca coletiva na Lagoa do Jacaré que, durante os meses de junho até meados de novembro, toda a comunidade deixava suas casas para acampar próximo da lagoa e ficavam acampados até o fim da época da pesca. Eles se organizavam de forma parcialmente coletiva, pois era uma organização em família, ou seja, cada família (pais, filhos, tios, netos, primos) se organizava para trabalhar juntos. E se o Rio São Francisco é considerado um pai generoso, para o território Velho Chico, a Lagoa do Jacaré é considerada a mãe da população quilombola de Poção de Santo Antônio, pois dela era retirado o sustenta de todas as famílias residentes aqui por anos. Foi por meio da abundância de peixe da lagoa que as famílias sobreviviam, mesmo tendo que pagar o quinto para o fazendeiro que se dizia dono da lagoa.

Pescadores retornando da pesca

Fonte/Crédito: Foto Antônio. Ano 2021.

Os peixes eram vendidos e utilizados, muitas vezes, como moedas de troca com mercadores que iam à beira da lagoa trocar seus produtos (frutas e cereais) pelo pescado dos ribeirinhos. Essa organização de passar parte do ano em casa e outra parte acampada à beira da lagoa perdurou por muitos anos até meados dos anos 1990, quando aos poucos começou a faltar peixes na lagoa, obrigando assim os moradores do quilombo a buscarem outra forma de sobrevivência.

A partir disso, os ribeirinhos começaram a lidar com a terra, a plantar alimentos como mandioca, milho e feijão. Anos depois, através de políticas públicas, as famílias começaram a criar pequenos rebanhos de gado. E, com isso, a tradição dos moradores acampar a beira da lagoa no período da seca (de agosto a novembro) foi deixando de existir e hoje são apenas lembranças dos mais velhos e história para os que não vivenciaram esse período da comunidade.

Colheita de feijão

Fonte/Crédito: Foto da autora. Ano 2021.

Atualmente, muito das antigas formas de organização dos sujeitos continua igual, mas as tradições e muito do que se tinha do passado se perdeu ou vem se acabando ao longo do tempo. Essa depreciação é muito triste, pois está se perdendo a essência e a cultura de nossos antepassados. Diante disso, é preciso registrar esses acontecimentos para que eles não se percam no tempo, pois esquecer a história dos nossos antepassados apaga a nossa própria história.

2.4. Agora é sua vez

1- Olha quanta informação bacana nós já construímos até aqui. Já passeamos pela história da comunidade, compreendendo como ela se formou. Nesse momento desse nosso mergulho na história, te convidamos a construir um diário de bordo com registro de suas memórias que estão ligadas às tradições e festejos da comunidade. Nele você pode escrever aquilo que te traz grandes emoções quando você pensa na sua infância aqui na comunidade. Não se preocupe com quantidade de linhas. O desafio aqui é você se expressar nos contando seus sentimentos gerados por esse convívio.

2- O saber é algo que não nos é tirado. Já que ele é tão bom assim, vamos compartilhá-lo? Organize, com o auxílio do seu/sua professor(a), um mural que retrate a diferença entre as tradições da comunidade do passado e as atuais manifestações culturais da comunidade.

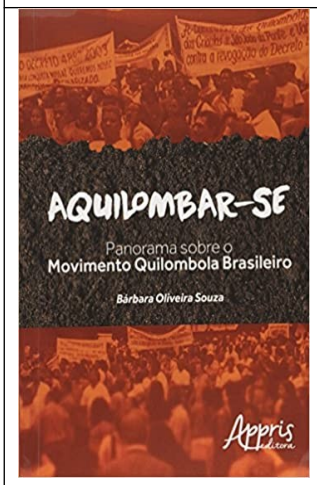
3- Você conhece alguém que tem o sobrenome dessas famílias mencionadas na história?

4- Que tal fazer uma pesquisa sobre esses sobrenomes, para identificar quantas famílias, atualmente, carregam esses sobrenomes na comunidade?

Agora que você já tem o conhecimento sobre a história da comunidade a partir da visão do morador Mário, que tal pensar em uma proposta de intervenção social? Isso quer dizer uma produção sua com o objetivo de ajudar outras pessoas a conhecerem essa história. Pode ser um card informativo. Pode ser a criação de uma música, uma história em quadrinhos, uma charge bem bacana, um cordel ou a forma de expressão com que você se sentir mais confortável para disseminar esse aprendizado. Seja criativo e não deixe a oportunidade de ajudar outras pessoas a conhecer suas histórias e suas origens escapar.

2.5. Dicas culturais

FILME	
	Terra deu, terra come, de Rodrigo Siqueira (Brasil, 2010, 89 min.) Sinopse: Pedro de Almeida, garimpeiro de 81 anos de idade, comanda como mestre de cerimônias o velório, o cortejo fúnebre e o enterro de João Batista, que morreu com 120 anos. O ritual sucede-se no quilombo Quartel do Indaiá, distrito de Diamantina, Minas Gerais. Com uma canequinha esmaltada, ele joga as últimas gotas de cachaça sobre o cadáver já assentado na cova: “O que você queria taí! Nós não bebeu ela não, a sua taí. Vai e não volta pra me atentar por causa disso não. Faz sua viagem em paz”. Dessa maneira acaba o sepultamento de João Batista, após 17 horas de velório, choro, riso, farra, reza, silêncios, tristeza. No cortejo, muita cantoria com os versos dos vissungos, tradição herdada da África. (http://www.palmares.gov.br/?p=4120)

LIVRO	
	*Aquilombar-se: panorama sobre o movimento quilombola brasileiro,* livro de Barbara Oliveira Sousa (Editora Appris, 2015). O movimento quilombola é, na atualidade, uma das mais importantes mobilizações coletivas no Brasil, por sua conexão com uma ampla gama de pautas, com destaque para a luta por seus territórios tradicionais, a partir dos quais se articulam mobilizações relacionadas aos movimentos negros, de mulheres, de povos e comunidades tradicionais, de educação interétnica, do campo e da juventude. São processos de caráter local, regional, nacional e alcançam também redes internacionais. Diante desse quadro, Bárbara Oliveira Souza traça um panorama sobre as dimensões históricas, identitárias e políticas do movimento quilombola no País, tecendo reflexões sobre as relações estabelecidas entre o movimento quilombola, o Estado, o setor privado, as organizações da sociedade civil e demais atores imbricados em seu processo de afirmação de direitos.

3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA LAGOA DO JACARÉ

3.1 Ponto de partida!

Olá, querido estudante! Estamos aqui para mais um mergulho na história da Comunidade de Lagoa do Jacaré, espero que com você esteja tudo bem. Como está sendo esses mergulhos? Espero que esteja gostando, pois a ideia é que, a cada mergulho na história da comunidade, você consiga "pescar" informações que serão muito importante para a sua formação. Dessa vez iremos mergulhar nas manifestações culturais que existem aqui na comunidade, pois só conseguimos respeitar a cultura do outro quando aprendemos e conhecemos a história dessas culturas e manifestações. Por isso, vamos fazer você pensar um pouco sobre o assunto com algumas perguntas a seguir:

1- Você sabe o que significa "manifestações culturais"?
2- E na sua comunidade, você conhece algumas?

3.2. Mergulhando na cultura local

O texto a seguir faz um recorte das manifestações culturais dos moradores do quilombo sob o olhar da moradora mais velha da comunidade, Dona Bella, de 101 anos, e pelo olhar do morador Regivaldo, de 48 anos. Leia atentamente, reflita sobre as manifestações apontadas e anote o que você achou mais relevante.

O surgimento dos festejos religiosos na comunidade

As manifestações culturais da comunidade quilombola Lagoa do Jacaré estão muito ligadas à religiosidade católica. É uma população que tem forte laço com a gruta de Bom Jesus da Lapa. Mas também tem o samba de roda, que surgiu do elo com o quilombo de Mangal Barro Vermelho. Outro aspecto das manifestações culturais está no artesanato que, por muito tempo, foi usado como meio de sobrevivência e subsistência.

Texto 01- A catequização do Quilombo iniciou pelo senhor Mané Véio e a Senhora Salu. A senhora buscava as crianças na casa dos pais e devolvia no horário combinado. As crianças rezavam e aprendiam todas as rezas que o senhor Mané Véio sabia, inclusive a reza que as pessoas andavam

na chuva e não se molhava. Essa catequização era chamada de educação. Em meados de 1.900, havia festejos de São Gonçalo na comunidade, mas levaram o santo para a Ponta do Morro, uma comunidade mais distante daqui e, por isso, os festejos de são Gonçalo deixou de existir. Em 1903, apareceram aqui na comunidade os romeiros de passagem para Bom Jesus Da Lapa, deixando aqui na comunidade uma imagem da Imaculada Conceição. Como eles vinham de longe, não tinham comida, resolveram trocar a santa por alimentos. Desse modo, como a santa estava descascando, levaram a santa para Lapa para encarnar. Quando voltaram com a santa foi um festejo só, pois toda a comunidade ficou esperando a santa com festas, samba e muita comida. Assim começou os festejos de Nossa Senhora da Conceição, que se tornou padroeira da comunidade. O festejo de Nossa Senhora da Conceição acontece do dia 28 de novembro até o dia 08 de dezembro, que é o dia da santa e que culmina no fechamento dos festejos. Assim sendo, até hoje acontece os festejos de Nossa Senhora da Conceição.

Capela de São Francisco	**Grupo de senhores da igreja imaculada Nossa Senhora da Conceição**
Fonte/Crédito: Foto de Laine Oliveira. Ano: 2021	Fonte/Crédito: Foto de Regivaldo. Ano: 2018.

Outro santo que se tornou padroeiro da comunidade, logo depois, foi São Francisco de Assis. Foi um santo deixado como herança para uma senhora chamada Selvina, que começou a realizar a reza na sua casa todo dia 04 de outubro, dia de São Francisco. Depois da reza sempre havia uma festa, com comida e bebidas, com a presença de pessoas das comunidades vizinhas. O santo sempre ficava na casa da senhora e após sua morte o seu filho Edvaldo deu continuidade à tradição. Em meados dos anos 2000, a família do senhor Edvaldo, junto aos demais católicos da comunidade, construiu a capela de São Francisco. Até hoje, os festejos do dia 04 de outubro acontecem.

Samba com os quilombolas do Mangal em visita a comunidade Poção

Fonte/Crédito: Foto de Rosirene Ribeiro. Ano 2019.

Texto 02 - Outro festejo que surgiu na mesma época que os festejos de São Francisco, foi o samba de roda na beira da lagoa. Algumas pessoas da cidade vinham nessa época para realizar esse samba e todos, homens e mulheres, sambavam a noite toda. Atualmente, o samba de roda quase não existe na comunidade, pois foi se perdendo no tempo. A comunidade Quilombola do Mangal Barro Vermelho tem uma forte ligação com o surgimento desse samba aqui na comunidade, visto que as pessoas tanto do Mangal quanto da Lagoa do Jacaré visitavam umas as outras. No Mangal, existe a tradição de comemorar São Sebastião que é o seu padroeiro. O seu povo tinha a tradição de visitar a comunidade da Lagoa do Jacaré todo ano, no mês de janeiro, “tirando reis”, que é o ato de passar em todas as casas sambando e pedindo esmola para a realização dos festejos de São Sebastião. Esse intercâmbio entre as comunidades revela uma troca de experiência muito significativa. Hoje as visitas não acontecem anualmente, mas ainda perdura a tradição de “tirar o reis”.

Texto 03 - Outra manifestação cultural marcante na nossa comunidade é o artesanato. A esteira era o ponto forte para a comercialização. As mulheres vendiam na feira em Paratinga. Elas teciam as esteiras, levavam na cabeça, para Paratinga, e vendiam; com o dinheiro, comprava rapadura e alguns alimentos. A palha faz parte da história da comunidade, pois as casas da comunidade, em suas origens, eram feitas de palha. Além disso, as mulheres faziam vassouras de palha para varrer as suas casas e vender. Até hoje ainda perdura a cultura de fazer vassoura de palha, mas poucas pessoas a fazem.

Artesã, confeccionando esteira, tradição que perdura na comunidade

Fonte/ Crédito:

Foto de Rose Ribeiro. Ano 2021

3.3. Para saber mais

As manifestações culturais da comunidade de Poção do Santo de Santo Antônio são um arcabouço de conhecimento e de perseverança. As manifestações religiosas foram surgindo e ganhando espaço dentro da comunidade. As manifestações culturais da comunidade Lagoa do Jacaré têm uma ligação muito forte com a religiosidade católica e africana, visto que eram por meio da fé nos santos e no samba de reis que os moradores cultuavam e reverenciavam. É fundamental, ainda, destacar que o artesanato foi um meio de sobrevivência e subsistência da população.

Essas manifestações culturais, de acordo com moradores, foram surgindo no decorrer do tempo e dando sustentabilidade a fé. Uma dessas manifestações culturais eram as promessas que os moradores faziam aos santos padroeiros da comunidade, em oferecer algo em troca da realização dos desejos. Outra manifestação muito forte se dava por meio de rezas, para que a mulher tivesse um parto tranquilo.

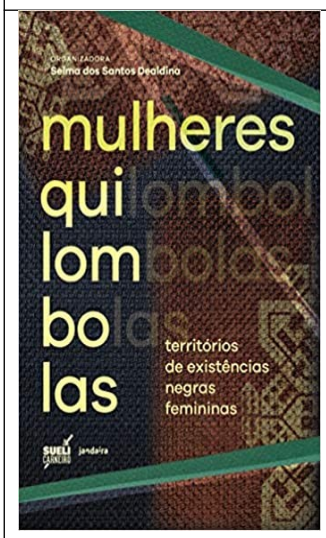
3.4. Agora é sua vez

Muito bem! Agora que você leu os três textos acima, anotem as manifestações que lhe chamou atenção e pergunte para alguém da sua família se já conhecia, como surgiu esses festejos na comunidade e realize as atividades a seguir:

1- Você já participou de um desses festejos?
2- O que sua família diz sobre esses festejos no passado?
3- Analise a resposta do seu familiar e responda: há diferença para os festejos que acontece hoje?
4- Que tal fazer uma exposição dessas manifestações culturais, com fotos e objetos que eram utilizados naquela época? Junte com seus colegas e organize essa exposição com apresentações e convide os moradores da comunidade para que esses assistam suas vivências pelo olhar do aluno.

3.5. Dicas culturais

FILME	
	Marambiré, de André dos Santos (Brasil, 2018, 80 min.) Sinopse: O documentário resgata a história e as manifestações culturais da população quilombola da comunidade Pacoval, em Alenquer, no Pará. O Marambiré é uma manifestação cultural que reúne dança, música e cantos que fazem referência aos antigos reinados da África Central. As letras das músicas são bastante antigas e, segundo a comunidade, não são mudadas desde que foram criadas. Cada parte do ritual tem seus cantos específicos.

LIVRO	
	*Mulheres quilombolas: Territórios de existências negras femininas*, de Selma dos Santos Dealdina (Editora Jandaíra, 2020) Vozes historicamente silenciadas encontram em *Mulheres quilombolas* espaço para compartilhar saberes a partir de suas perspectivas, como faziam nossos ancestrais reunidos em torno do fogo, no ritual de transmissão e perpetuação de conhecimentos basilares para a comunidade. As autoras trazem para a roda uma diversidade de pautas em geral invisibilizadas na sociedade, contribuindo com suas visões de mundo, seus conhecimentos acadêmicos e suas experiências de vida para abrir novas possibilidades de debate. Assumindo o lugar de guardiãs dos saberes ancestrais, de lideranças políticas, de mulheres racializadas na sociedade, expõem em suas reflexões os muitos atravessamentos que a

	discussão em torno do que é ser mulher quilombola abarca.

4. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO QUILOMBO LAGOA DO JACARÉ

4.1. Ponto de partida!

Olá querido estudante! Como vai a sua caminhada para o conhecimento da nossa comunidade? Ainda tem fôlego para mais um mergulho? Espero que sim, afinal somos quilombolas herdeiros da resistência, não é mesmo? Dessa vez vamos "mergulhar" nas águas da Lagoa do Jacaré em busca de mais informação do nosso passado, entender como era a organização do trabalho no quilombo e qual a sua relação com a atualidade.

1- Depois de tudo que vimos aqui, você consegue imaginar como seria a organização do trabalho no momento da pesca?
2- E a feita da farinha, você já imaginou como eram feitas, já que naquela época não havia nem motores, nem energia elétrica?
3- Você já ouviu falar em trabalho coletivo?

4.2. Organizando os trabalhos

A organização do trabalho no quilombo é baseada na coletividade. A falta de recursos e instrumentos levaram os moradores da comunidade a se organizarem de forma coletiva para conseguir êxito nas suas tarefas. O texto a seguir explana como era e é a organização do trabalho no quilombo, sob o olhar do Senhor Marivaldo.

Texto 1 - A organização do trabalho aqui se dava sempre juntos, pois, antigamente, por exemplo, tínhamos que pescar com rede de arame, e esse tipo de rede era muito pesada, não tinha como pescar sozinho. Por isso, nós organizávamos o pessoal, elegíamos um líder que era sempre uma pessoa mais velha e que tinha o respeito de todos, para fazer o "arraste" da rede, em seguida era só dividir de forma igual para todos, depois que passamos a usar a rede de linha, o nosso trabalho continuou coletivo mas dessa vez um pouco diferente, como a rede de linha é mais leve a organização ficou mais voltada para famílias, ou seja, as famílias se organizavam para pescar, o trabalho coletivo é uma marca da comunidade, visto que sempre era um ajudando o outro.

Pescaria coletiva entre famílias

Fonte/Crédito: Foto Antônio. Ano 2021

Já na agricultura familiar, o trabalho coletivo não era muito diferente, pois tinha atividades como a feita da farinha que precisava e precisa de muita gente para realizar e, dessa forma, era organizado coletivamente. Assim sendo, as pessoas ajudavam no processo de raspar e ralar a mandioca. Para raspar, isso é uma atividade predominantemente das mulheres, que são pagas com dois pratos de farinha para cada dia de mandioca raspada. Isso prevalece na comunidade até os dias atuais.

Comunidade raspando mandioca de forma coletiva

Fonte/Crédito: Foto de Romilson Santana. Ano 2021

Uma outra atividade coletiva e que permanece até os dias atuais são as “pegas do umbu”, que consiste em um grupo de mulheres que se organizam sempre nos meses de dezembro e janeiro para coletar umbu na caatinga. Esse trabalho coletivo é uma atividade que ocorre desde muito tempo e que perpassa de mãe para filha.

Grupo de mulheres pegando umbu na caatinga

Fonte/Crédito: Foto de Marivana Vieira. Ano 2021.

Texto 02 - A comunidade organiza seu trabalho de forma individual, também, como é o caso do cultivo da agricultura familiar, a plantação de milho e feijão. É uma cultura muito forte o cultivo

desses dois alimentos. A comunidade se organiza de forma que, no período da estiagem, a pesca na Lagoa do Jacaré, atividade que está cada vez mais escassa por conta da falta de peixe e no período da piracema (época de desova dos peixes), as pessoas cultivam seus alimentos em suas propriedades.

Plantação de mandioca

Fonte/Crédito. Foto Elaine Sáteles. Ano 2020

Texto 03- A organização do trabalho vem sofrendo modificações ao longo do tempo. Ainda perpetua algumas atividades coletivas, alguns mutirões, mas esse espírito de coletividade vem perdendo espaço. As pessoas da comunidade estão ficando cada vez mais individualistas, e isso é um perigo, pois se perde a união do quilombo, a tradição. Mas, graças as projetos governamentais, que tem em sua base o trabalho de forma coletiva, têm dado uma sustentabilidade aos mutirões, que estão voltando. Hoje a comunidade tem uma agroindústria de derivados da mandioca.

Trabalhos coletivos desenvolvidos na comunidade

Fonte/Crédito. Foto Elaine Sáteles. Ano 2021

4.3. Para saber mais

A organização do trabalho na comunidade da Lagoa do Jacaré perpassa pela coletividade e união. Até hoje, embora não seja como no passado, o trabalho ocorre entre as famílias de forma coletiva, como vimos o caso da produção de farinha de mandioca. A organização da comunidade nunca foi isolada ou de forma homogênea, mas sim dentro de uma dialética com outras comunidades, viabilizando espaços de sociabilidade que acolhe as pessoas mantendo os traços ou vínculos familiares e de irmandade, como a forma de se expressar e de se relacionar com a terra. Desse modo, a capacidade organizativa da população, para ter êxito no trabalho, é uma característica marcante, pois se entende que a organização do trabalho daria certo se fosse organizado de forma coletiva.

4.4. Agora é sua vez

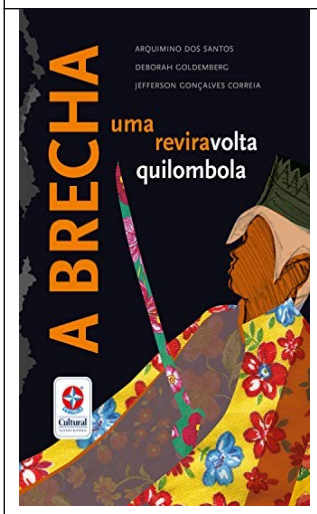
Uau, quanta informação! Com toda essa informação, temos um desafio para você! Realize as atividades a seguir:

1- Você já participou de algum trabalho coletivo dentro da comunidade?
2- Qual a sua opinião sobre trabalho coletivo e trabalho individual?
3- Hoje para desenvolvermos um trabalho coletivo, o que você entende que é preciso ter?

4- A organização do trabalho no quilombo vem sofrendo modificações, a que você se refere a essas mudanças?

4.5. Dicas culturais

FILME	
	Serra do Queimadão, de José Carlos Torres (Brasil, 2011, 38 min.) Sinopse: O filme conta a história da comunidade remanescente de africanos escravizados, a partir da história de vida de seus moradores. Serra do Queimadão está localizada na Chapada Diamantina, no estado da Bahia, Brasil. A religião, a cultura, as tradições culturais e suas manifestações culturais são temas abordados no filme.

LIVRO	
	*A brecha: uma reviravolta quilombola*, de Jefferson Gonçalves Correia, Arquimino dos Santos e Deborah Goldemberg (Editora Estrela Cultural, 2020) O menino Fred, acostumado ao conforto da vida da capital, vai passar as férias na fazenda do avô, no interior. Durante um passeio ele avista um menino negro que, dias depois, descobrirá chamar-se Viriato, que faz parte de uma aldeia quilombola. A partir daí, ele se envolve com a comunidade de afrodescendentes, que leva uma vida simples, porém cheia de cores e animação. Fred descobrirá a riqueza cultural dessa gente e todos os preparativos para a Festa do Ticumbi, e também conhecerá a dura luta que os quilombolas travam pelo direito de ter sua terra e obter dignamente seu sustento.

5. SABERES TRADICIONAIS DO QUILOMBO LAGOA DO JACARÉ

5.1. Ponto de partida!

Olá estudante! Estamos chegando ao nosso último “mergulho” nessa viagem histórica! Espero que esteja bem. Como foi o caminho até aqui? Espero que mesmo que tenha encontrado alguma dificuldade você tenha persistido, lembre-se, tão importante quanto o ponto de chegada é tudo que tem sido construído no caminho, pois conhecer nossa história nos torna sujeitos conscientes de nossas identidades. Agora mergulharemos na memória coletiva da nossa comunidade. Vamos em frente! Acredito que você percebeu que nos nossos mergulhos, independente do assunto principal, um tema sempre esteve presente, as mudanças, as transformações! Durante esses anos houve mudanças na nossa comunidade. E aqui, algumas perguntas para você:

1- Já ouviu falar sobre saberes tradicionais?
2- Você conhece algum saber tradicional? Sabe qual a relação do saber tradicional com a cultura de um povo?

5.2. Realizando nosso último mergulho

Os saberes tradicionais existentes no Quilombo Lagoa do Jacaré constituem-se de diversificadas atividades desenvolvidas, na crença na natureza e nos seres, aos quais eles respeitam e formam o saber fazer, pois é através desses saberes que a cultura do povo quilombola acontece.

Os textos a seguir abordam os saberes tradicionais do Quilombo pelo olhar de três moradores da comunidade.

Texto 1 - A planta de mandioca tem que tirar a galha do pé e deixar passar por dois dias e esse processo acontece quando a lua está Nova porque a mandioca tem mais resistência na raiz, fica mais grossa. Depois de dois dias que a maniva (tronca da mandioca) seca o leite, pode-se plantar. O plantio do milho é realizado durante a lua Crescente e, se possível, o início do plantio na quarta-feira porque, segundo os mais velhos, se plantar nessa época rende mais.

Plantação de mandioca seguindo os preceitos do ciclo lunar

Fonte/Crédito: Foto de Marivana. Ano 2021

Texto 2: Para fazer farinha o trabalho era coletivo porque não existia outro meio de ralar a mandioca senão na roda de mão e precisava de 8 a 10 homens para ralar dependendo da quantidade de carga de mandioca que era transportado de jegue. Hoje, esse processo é feito com motor, mas o processo para torrar a farinha continua do mesmo jeito, no forno a lenha.

Processo de ralar a mandioca **Processo de torrar a farinha no forno a lenha**

Fonte/Crédito: Foto de Eriene Santos. Ano 2021

Texto 3 - Para tirar a madeira para cercar roça ou para fazer curral, recomenda-se tirar na lua Cheia, que ela aparece no céu durante a noite e durante o dia ela não aparece e nós chamamos de escuro e é o dia certo para ir tirar madeira. Isso é feito para a madeira não carunchar e, desse jeito, a madeira fica com resistência e não fura.

Madeira para cerca, cortada e descascada seguindo o ciclo lunar

Fonte/Crédito: Romilson Santana. Ano 2021

Bem, agora que você leu os textos 1, 2, e 3, faça anotações em seu caderno, considerando os saberes tradicionais e sua percepção sobre esses conhecimentos.

1- Como podemos medir, usar dos ciclos lunares para a subsistência da comunidade? Cite dois exemplos.
2 - De que maneira você percebe os saberes tradicionais em seu dia a dia?

Leia com atenção os textos a seguir para ampliar a compreensão sobre os saberes tradicionais e sua importância para a perpetuação da cultura de um povo.

Texto 4 - O parto era feito pelas parteiras. Não tinha nada para ajudar neste momento. Era feito na dura sorte. Quando a criança demorava de nascer a parteira pegava a mão de pilão e batia nos três canto do quarto e deixava um que seria que o menino iria nascer, e depois disso a criança nascia. Depois do parto fazia malassada de sebo com alho e fazia uma tira também de alho para colocar na barriga para segurar a dona do corpo, para que a mulher não sentisse muitas dores depois. Lavava-se as partes íntimas com casca de jurema e umburana para ajudar no processo de cicatrização. Colocava as cascas de molho na água e ficava tomando o banho de asseio. Quando a criança demorava de conversar, dava-se água de chocalho, botava água no chocalho e dava para a criança beber. Quando o menino demorava de caminhar botava no fato do boi: quando abria o boi colocava o menino dentro do fato ainda quente para o menino caminhar. (Relato de Dona Maria, 70 anos)

Pé de jurema preta

Pé de umburana

Fonte/Crédito: Foto de Marivana Vieira. Ano 2021.

Texto 5 – As ervas sempre foi uma benção para nós, pois é sempre da natureza que retiramos remédios para curar as doenças. A gripe mesmo, para melhorar é só fazer um chá de jarrinha, já para febre, é o chá de sena. O modo de preparo é o seguinte: Pega a raiz da jarrinha coloca para ferver e, logo após, toma ou ainda coloca a jarrinha de molho na cachaça uns dois dias e bebe. O

modo de fazer da sena, também é simples, a sena você coloca para ferver e toma o chá. E são essas ervas que sempre nos ajudou a curar essas enfermidades, principalmente das crianças.

Jarrinha	**Sena**
Fonte/Crédito: Foto de Marivana Vieira. Ano 2021.	

5.3. Para saber mais

Os saberes tradicionais da comunidade Lagoa do Jacaré tem uma ligação muito forte com a natureza, pois com a falta de recursos eram da natureza que eles retiravam e ainda retiram os remédios para curar doenças, como por exemplo as ervas e rezas para que os partos das mulheres fossem bem-sucedidos. Os saberes tradicionais são saberes construídos pelas experiências, criados, gerados, transmitidos oralmente de geração em geração por indivíduos que viveram e vivem nesse local. As pessoas da comunidade Lagoa do Jacaré vivenciam esses saberes tradicionais, com as ervas medicinais, a pesca artesanal, os ciclos lunares, dentre outros.

5.4. Agora é sua vez

Textos lidos e histórias observadas! Com toda essa informação, temos um desafio para você! Realize as atividades a seguir:

1- Escolha um dos textos anteriores, pesquise sobre e qual a importância dos saberes na vida dos sujeitos da comunidade e elabore também um pequeno quadro sobre o que você descobriu desses saberes.

2- Quem eram esses sujeitos? Qual a origem desses saberes? Você concorda com ele? Justifique.

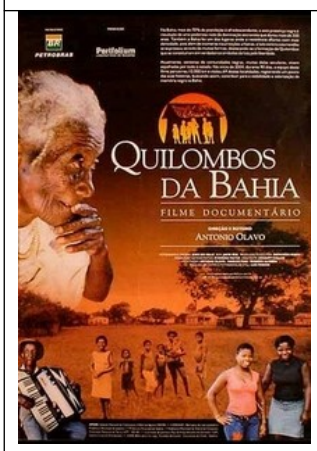
3- Muitas das plantas mencionada nos textos são usadas ainda hoje para alimentação ou na medicina, a exemplo do milho, mandioca, ervas etc. Escolha uma das plantas aqui citadas e elabore um quadro falando sobre: sua origem, seu nome científico e o significado, suas propriedades e como eram usados pelos moradores antigos da comunidade.

5.5. Chegamos ao final da nossa viagem

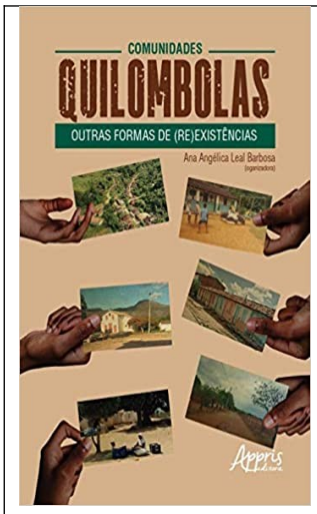
Muito bem! Chegamos ao final do “mergulho” na nossa história e foi muito prazeroso ter você comigo até aqui. Mas, antes de nos despedirmos, que tal refletir sobre o seu próprio trajeto? Afinal, pensar sobre a nossa história nos torna mais preparados para construir novos caminhos, além de auxiliar no planejamento de novos desafios e na tomada de decisões. Para isso, peço que responda às perguntas a seguir no diário de bordo:

1- Considera que nosso “mergulho” na nossa história te ajudou a fazer uma leitura mais crítica sobre a construção da nossa comunidade?
2- Você seria capaz de identificar no dia a dia os diferentes saberes tradicionais existentes na comunidade?
3- Você acha que consegue aplicar na sua vida as aprendizagens dessa aula? Comente.

5.6. Dicas culturais

FILME	
	*Quilombos da Bahia*, de Antônio Olavo (Brasil, 2004, 98 min.) Sinopse: Centenas de comunidades negras, muitas delas seculares, vivem espalhadas por todo o estado da Bahia. No início de 2004, durante 90 dias, a equipe deste filme percorreu 12.000 km e visitou 69 destas localidades, registrando um pouco das suas histórias, buscando assim, contribuir para a visibilidade e valorização da memória negra na Bahia." sinopse oficial.

LIVRO

	*Comunidades quilombolas: outras formas de (re)existências*, de Angélica Leal Barbosa (Editora Appris, 2020) O livro traz a realidade de seis comunidades quilombolas localizadas na zona rural e uma na zona urbana, todas situadas no estado da Bahia. Os autores descrevem a realidade das vivências e resistências das pessoas quilombolas, ressaltando que essa temática interessa aos professores que atuam nos diferentes níveis de ensino. Com a publicação da Lei Federal 10.639/2003, que tem o objetivo incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", esses temas passaram a ser inseridos na realidade dos quilombos brasileiros. Nesse sentido, esta obra se destina aos pesquisadores que estudam sobre quilombos no Brasil.

GLOSSÁRIO

Banha - Gordura de porco.

Beiradeira – Pessoas que moram as margens do Rio São Francisco.

Candura – Qualidade do que é puro.

Encarnar - Tornar se mais encorpado.

Lavadeira – Mulher que tem por ofício a lavagem de roupas.

Malassada - Sebo mal assado.

Maniva – Tronco da arvore da mandioca

Mané veio - Manoel velho.

Pegas de umbu - Ato de ir buscar umbu na caatinga.

Poção Grande - Poço grande.

Romeiros - Pessoas que viajam para algum lugar tido como sagrado, na condição de peregrinos, em busca de paz espiritual ou para pagar promessas de graças recebidas.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Documentos e textos

ARRAES, Esdras. Rio dos currais: paisagem material e rede urbana do rio São Francisco nas capitanias da Bahia e Pernambuco. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 21, n. 2, jul.-dez. 2013.

BAHIA. *Decreto 10359 de 23 de maio de 2007*. Aprova o Regimento da Secretaria do Planejamento.

Território Velho Chico em Versos Autor: Cléber Eduão http://velhochicocultura.blogspot.com/2010/07/territorio-velho-chico-em-versos.html acesso em 18/03/2021, as 21:56

Depoimentos

Marivaldo Santana, 70 anos, lavrador, morador da comunidade.

Maria Vieira s, 70 anos, lavradora, moradora da comunidade.

Regivaldo Macedo, 48 anos, pescador, morador da comunidade.

Belarmina Gonçalves, 102, anos, lavradora , moradora da comunidade.